

AS MARCAS DA TRADUÇÃO DE LIA WYLER EM HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

Ágeson Christian da Silva¹
Rafael dos Prazeres²

RESUMO

A tradução é parte essencial da grandiosidade da obra da escritora britânica J.K. Rowling, sua série de livros já foi publicada em mais de 60 línguas. Este artigo tem como objetivo analisar a tradução literária infanto-juvenil brasileira a partir de uma breve observação comparativa do livro *Harry Potter e a Pedra filosofal*, traduzido por Lia Wyler para a língua portuguesa, limitando-se ao capítulo 7, intitulado *O Chapéu Seletor*. Para tal análise foi levado em consideração as supostas prioridades da escrita e da tradutora, bem como os efeitos alcançados pela tradutora ao decorrer do seu trabalho. O objetivo principal da análise é apontar quais são as marcas deixadas pela tradutora ao transpor da língua inglesa para a português brasileiro a história do livro e os aspectos culturais que o envolvem. Utilizou-se como base para a análise os estudos de José Pinheiro Souza (1998), Rosemary Arrojo (2007), Gisela Silva (2012), entre outros. Teve-se como foco específico as adaptações feitas por Lia Wyler aos nomes próprios e ao estilo literário contido na obra, destacando quais foram as marcas deixadas pela tradutora. Foram consultados o *Longman Dictionary of Contemporary English* (2009) e o *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa* (2010) para decifrar algumas construções de termos feitas pelas autoras. Como resultado da pesquisa, notou-se que as marcas contidas na tradução de Wyler foram por vezes surpreendentes e por vezes condizentes com o padrão da tradução de literatura infanto-juvenil no Brasil. A intenção deste artigo é expandir o campo de pesquisa sobre a literatura infanto-juvenil e suas traduções. Os estudos sobre esta área da literatura são necessários porque revelam sua importância histórica e contemporânea para a arte brasileira.

Palavras-chave: Harry Potter. Tradução. Literatura Infanto-Juvenil.

INTRODUÇÃO

A tradução é uma atividade imprescindível para o crescimento cultural das comunidades humanas. No Brasil a tradução só ganhou espaço para ser exercida como atividade profissional na década de 1930. Segundo José Paulo Paes (1990), esse feito só foi possível graças aos esforços de tradutores como Monteiro Lobato e Érico Veríssimo, ambos grandes autores de literatura infanto-

¹ Graduando do curso de Letras Inglês e suas Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus X. E-mail: ageson.christian@gmail.com

² Professor do Curso de Letras Inglês da Universidade do Estado da Bahia, Campus X. E-mail: rafaeldosprazeres@gmail.com

juvenil. É a tradução que nos permite entrar em contato com uma miríade de obras publicadas originalmente nas mais diversas línguas. Portanto, sem a presença da tradução seria impossível imaginar o mundo atual, globalizado e necessitando cada mais vez de pontes culturais, em vez de barreiras.

Assim, os estudos sobre esta área da literatura tão importante na contemporaneidade e ao longo da história, são uma necessidade. Tendo em mente a perspectiva de expansão de pesquisa sobre as diversas formas de tradução, o presente artigo objetiva ampliar as investigações sobre uma área que, de acordo com Thaís Verdolini, precisa ser mais investigado, a autora afirma: “um campo ainda a explorar é o que descreve e analisa a tradução de obras para os públicos infantil e juvenil” (VERDOLINI, 2012, p.2). Para expandir o conhecimento nessa área e para demonstrar as marcas deixada pela tradutora em sua tradução, será feita uma breve análise comparativa sobre um dos dezessete capítulos do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da autora britânica J.K. Rowling e da tradutora Lia Wyler.

A escritora britânica J.K. Rowling criou em seu texto símbolos, sons e mitos que enriquecem a imaginação dos seus leitores. O estímulo criativo gerado pelos livros de Rowling é mencionado por Gisela Silva (2012), a autora afirma:

Harry Potter foi, sem dúvida, a obra que reergueu, aos olhos das comunidades interpretativas dos leitores mais jovens (pré-adolescentes e adolescentes), temáticas isoladas e mesmo nunca exploradas. Consideramos, convictos, que também são estes textos que enriquecem o seu conhecimento enciclopédico e a sua criatividade linguística, estética e semântica (SILVA, 2012, p.40).

Portanto, os livros da série *Harry Potter*, ao provocar a imaginação do leitor criando imagens fantásticas em suas mentes, ajudariam na formação da habilidade e da criatividade linguística. Por isso, deve-se entender quais são as imagens inseridas pela autora em sua obra e qual efeito elas poderiam criar em seus leitores. Assim, o foco das análises comparativas presentes neste trabalho está nas construções estéticas contidas no capítulo sete do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

O TRADUTOR E A CAPA DA INVISIBILIDADE

De acordo com José Souza (1998) não há uma teoria unificada da tradução para ajudar o tradutor a resolver os problemas enfrentados. Dentre os principais problemas está a questão da

invisibilidade do tradutor. Em relação a isso a tradutora brasileira Rosemary Arrojo explica que traduzir não consiste apenas na transferência de significados de uma língua para a outra, “porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura” (ARROJO, 2007, p.22). Assim, a interpretação do tradutor estaria diretamente ligada à sua visão de mundo, suas leituras e à época em que vive. Como consequência, o tradutor inevitavelmente deixaria sua marca no texto que produzir, pois para traduzir, ele ou ela deve primeiro interpretar o texto na língua de partida. Por isso é preciso conhecer um pouco das autoras para melhor compreender tanto o texto na língua de partida, escrito por J.K. Rowling, quanto o texto na língua de chegada, escrito por Lia Wyler.

Joanne Rowling, mais conhecida por seu *pen name*³ J.K. Rowling, é uma escritora britânica formada em Línguas Clássicas e Literatura Francesa pela Universidade de Exeter, na Inglaterra. Trabalhou como professora de inglês como língua estrangeira em Portugal no início da década de 1990. Em seu site oficial, Rowling (2016) conta que a ideia para o livro surgiu durante uma viagem de trem de Manchester para Londres em 1990. A escritora britânica terminou de escrever o primeiro livro da série Harry Potter em 1995, mas só conseguiu publicá-lo em 1997. Publicou os livros seguintes com pequeno intervalo entre eles – pouco mais de um ano. Em 2004 foi considerada pela revista Forbes (2004) a segunda mulher mais rica do mundo, com cerca de 1 bilhão de dólares. Segundo Watson e Kellner (2004) é também a primeira pessoa a se tornar uma bilionária através da venda de livros.

Verdolini (2012) afirma que devido ao maior interesse das editoras nacionais em relação aos lucros das obras traduzidas em relação à sua qualidade, muitas vezes a tradução é feita por profissionais que não tem seu nome referendado. Um exemplo é a tradução do livro *Querido Diário Otário*, do autor Jim Benton, que consta na catalogação do próprio livro como tradução da editora, o que significa que o tradutor, ou tradutores, da obra, são mantidos longe dos olhos do público, seja porque a editora não os acha relevante ou porque a tradução foi feita por amadores. Por isso, é importante conhecer um pouco também da tradutora. Lia Carneiro da Cunha Alverga-Wyler possui licenciatura e bacharelado em Tradução pela PUC-RJ e mestrado em Comunicação pela ECO-UFRJ, defendeu a dissertação “A tradução no Brasil: o ofício de incorporar o Outro”. Começou a traduzir em 1970 e elaborou a tradução de cerca de 70 títulos literários, entre eles *Insônia* de

³ Um *pen name* é um pseudônimo adotado por um escritor ou escritora para ter um nome mais distinto, para se distanciar de trabalhos anteriores ou para esconder seu gênero, que é o caso de J.K. Rowling.



Stephen King, *Um Amigo de Kafka* de Isaac Bashevis Singer e todos os livros da série Harry Potter, trabalho pelo qual recebeu o prêmio Monteiro Lobato de tradução de literatura infanto-juvenil em 2001.

A obra a ser analisada é *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, primeiro livro da série, publicado pela primeira vez no Reino Unido em 1997 pela editora Bloomsbury. No livro é narrada a história de um garoto órfão de 11 anos que descobre ser um bruxo. Para poder fazer parte do mundo mágico recém descoberto, o menino precisa passar a frequentar a escola de magia e bruxaria de Hogwarts, lugar em que faz novas amizades e descobre a verdadeira história sobre seus pais facelidos. A história desse garoto órfão já foi traduzida para 67 línguas, incluindo hebraico, grego e russo. A primeira edição brasileira, publicada em 1º de Janeiro de 2000 pela editora Rocco, recebeu o título de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

A TRADUTORA E A PEDRA FILOSOFAL

De acordo com a história apresentada no livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, o título da obra seria uma referência à lenda do artefato supremo da alquimia, a *lapis philosophorum*. Esta seria uma pedra capaz de transformar metais básicos como o ferro em ouro e prata, e ainda seria responsável pela produção do elixir da vida eterna. De acordo com Jehane Ragai (1992), a lenda da pedra filosofal teria início nos escritos do químico sírio Abu Mūsā Jābir ibn Hayyān, ou Geber em seu equivalente em latim, do século VIII. Os alquimistas medievais europeus baseavam sua busca nos trabalhos de Geber, principalmente no *Liber de compositione alchimiae*, que de acordo com Ragai (1992) havia sido traduzido para o latim no século XII por Robert of Chester, como forma de introduzir esta ciência à Europa. De acordo Adam McLean a Europa ainda não conhecia a alquimia, por isso, Chester começou seu livro afirmando: “Já que o seu mundo latino desconhece o que é a alquimia e qual é a sua composição, eu explicarei no presente livro” (MCLEAN, 2002, p.5 tradução nossa⁴).

Além das propriedades de transmutação física, a pedra filosofal simbolizava a evolução do espírito, de um estado de imperfeição para o estado iluminado, marcado também pela purificação e renovação do corpo. É interessante notar como isso pode estar relacionado com a tradução, cuja

⁴ “Since what Alchymia is, and what its composition is, your Latin world does not yet know, I will explain in the present book.”

relação pode ser vista como essa transmutação de significados de uma língua para a outra, com a renovação de um texto, mantendo-o sempre renovado.

No capítulo sete, intitulado “O Chapéu Seletor”, do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* é narrada a chegada de Harry a Hogwarts, a escola de magia e bruxaria, e o seu primeiro contato com o castelo e seus peculiares habitantes. Gisela Silva (2012) considera a saga Harry Potter “um construto semiótico, cuja dimensão mítico-simbólico é densa [...] As imagens, por sua vez, são valiosas para a leitura adequada do imaginário, pois nos permitem aceder ao tema do herói” (SILVA, 2012, p.37), por isso deve-se atentar às imagens e símbolos estabelecidos na linguagem do texto de Rowling e de Wyler, tentando descobrir se há uma equivalência de efeitos simbólicos na tradução de Wyler, visto que Rowling enche o seu texto dessa carga simbólica. O que dá título ao capítulo é a cerimônia de seleção dos alunos para uma das quatro casas que compõe a escola, a professora Minerva McGonagall explica:

The Sorting is a very important ceremony because, while you are here, your House will be something like your family within Hogwarts. [...] The four Houses are called Gryffindor, Hufflepuff, Ravenclaw and Slytherin (ROWLING, 1997, p.114).

Lia Wyler traduz para:

A Seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui, sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. [...] As quatro casas chamam-se Grifinória, Lufa-lufa, Corvinal e Sonserina (ROWLING, 2000, p.101).

Nota-se que os nomes próprios das casas foram traduzidos de modo inesperado na tradução de Wyler. Algo que marca a tradução e gera consequências nas continuções da história em livro e em todas as outras mídias para as quais Harry Potter foi adaptado. *Hufflepuff*, por exemplo, passa a ideia de sopro, tanto pela aliteração da fricativa /f/ quanto pelo significado das palavras que a compõe. De acordo com o software *Longman Dictionary of Contemporary English* (2009), *huff* significa respirar de maneira barulhenta, e *puff* um curto e forte sopro de ar. Observa-se como exemplo de uso mais antigo do termo *huffle* – do qual *huff* seria uma variação– a obra *The Return of the Native* do poeta e novelista inglês Thomas Hardy. Neste livro a palavra *huffle* é usada para se referir ao soprar do vento. O autor inglês escreve: “[...] *and the winds do huffle queerer tonight*” (HARDY, 1878, p.29). Na tradução de Wyler tem-se Lufa-lufa, que mantém a aliteração da fricativa, apesar de perder força pela falta da oclusiva /p/ no meio da palavra. Se além também ao significado, visto que ,de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (2010), o termo “lufa” significa ventania. A palavra *Slytherin* está ligada a cobra – animal símbolo desta casa na

obra. Tanto o som quanto o significado tem relação direta com este animal. O fonema /ð/, presente na seguinte transcrição fonética da palavra *slytherin*: /slɪðərɪn/, é inexistente na língua portuguesa. Tal fonema força o falante a colocar a língua entre os dentes, ação característica do réptil mencionado. Além disso, é possível estabelecer uma relação entre o nome da casa (*Slytherin*) e o verbo *to slither*, que de acordo com o *Longman Dictionary* (2009) significa arrastar-se ou escorregar, tal como faz a cobra. Na palavra criada por Wyler fica-se apenas com a aliteração do /s/ para lembrar o leitor do animal citado. A troca do fonema inglês para um existente na língua portuguesa se deve, provavelmente, à preocupação da autora com o público para qual o livro é direcionado. O que caracteriza uma das marcas da tradução de Wyler no que diz respeito à seleção de termos. Algo parecido acontece na tradução para o russo realizada por Ivan Oransky, língua que também não possui o fonema /ð/. O tradutor adaptou o *th* para o *z*, passando assim a ser *Slizerin*, a mudança preserva a fricativa /s/ e acrescenta a /z/, mantendo o sibilar produzido ao pronunciar a palavra.

Durante a cerimônia, o personagem Chapéu Seletor, um item mágico capaz de falar e de sentir as emoções de quem o veste, canta essa canção:

Oh, you may not think I'm pretty,
But don't judge on what you see,
I'll eat myself if you can find
A smarter hat than me.
You can keep your bowlers black,
Your top hats sleek and tall,
For I'm the Hogwarts Sorting Hat
And I can cap them all.
There's nothing hidden in your head
The Sorting Hat can't see,
So try me on and I will tell you
Where you ought to be.
(Rowling, 1997, p.117)

Rowling cria uma canção com versos de rimas alternadas, o primeiro e o terceiro versos não montam uma rima, mas o segundo e o quarto sim, esse esquema se repete ao longo da música. Há ainda a presença de jogos de palavras, como no verso *I can cap them all* (idem), de acordo com o *Longman Dictionary* (2009) a palavra *cap* pode estar se referindo ao substantivo chapéu ou ao

verbo *to cap* que significa ser melhor ou mais extremo. Tais escolhas foram feitas aparentemente para tornar a leitura mais divertida. Por outro lado, Lia Wyler traduz:

Ah, vocês podem me achar pouco atraente,
Mas não me julguem só pela aparência
Engulo a mim mesmo se puderem encontrar
Um chapéu mais inteligente do que o papai aqui.
Podem guardar seus chapéus-coco bem pretos,
Suas cartolas altas de cetim brilhoso
Porque sou o Chapéu Seletor de Hogwarts
E dou de dez a zero em qualquer outro chapéu.
Não há nada escondido em sua cabeça
Que o Chapéu Seletor não consiga ver,
Por isso é só me porem na cabeça que vou dizer
Em que casa de Hogwarts deverão ficar.
(ROWLING, 2000, p. 104)

A tradutora substituiu a rima e os jogos de palavras pela uso de termos humorísticos característicos do Brasil, como “papai aqui” (idem) ou “dou de dez a zero” (idem). Porém, a remoção das rimas quebra a musicalidade que a canção teria em sua língua de partida. Além disso, os termos usados tem pouca relação com o mundo mágico e fantasioso em que os personagens estão inseridos, assim, um chapéu mágico fazendo analogias futebolistas poderia dificultar a imersão do jovem leitor na obra. Wyler parece ter optado por abrigar a tradução em vez de anglicizar a língua de chegada. Deixando assim a sua marca ao se preocupar com a semântica e deixar de fora o estilo. Isso pode ser relacionado ao que Rudolf Pannwitz (*apud* Campos 1969, p.99) chamaria de um princípio falso do tradutor, segundo ele:

Pretendem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, em lugar de sanscritizar o alemão, grecizá-lo, anglizá-lo. Têm muito maior respeito pelos usos de sua própria língua do que pelo espírito da obra estrangeira... O erro fundamental do tradutor é fixar-se no estágio em que, por acaso, se encontra sua língua, em lugar de submetê-la ao impulso violento que vem da língua estrangeira (Pannwitz *apud* Campos 1969, p. 99).

Ao ir contra este erro fundamental do tradutor citado por Pannwitz, o tradutor forçaria a sua língua a influência da língua de partida, colocando, por exemplo, o humor ou a musicalidade do texto da língua de partida dentro do texto da língua de chegada.

Em outro momento do mesmo capítulo, Harry e os outros alunos novatos se encontram com alguns dos fantasmas que habitam o castelo. Entre os fantasmas está *Nearly Headless*

Nicholas, o cavaleiro que morreu durante uma tentativa frustrada de decaptação, seu nome na versão brasileira é “Nick Quase Sem Cabeça” (ROWLING, 2000, p.109). Há aqui a tradução literal do nome deste personagem, provavelmente com o propósito de facilitar uma compreensão mais rápida, porém, perde-se a aliteração da letra “l” contida na língua de partida. Essa atitude em relação a tradução dos antropônimos acontece por todo o livro, o que se caracteriza como uma das marcas da tradução de Lia Wyler.

A tradutora brasileira escolheu não modificar a maioria dos nomes próprios dos protagonistas, como Harry, Ronald e Hermione, mesmo que mudanças pudessem permitir uma pronúncia mais fácil dentro do português brasileiro. Contudo, Wyler escolheu usar versões mais simples destes nomes. Por exemplo, Rowling se refere a professora chefe da casa Grifinória como *Professor McGonagall*, enquanto na versão em língua portuguesa ela é sempre mencionada como Prof^a Minerva. Isso gera uma estranheza ao longo da leitura do livro, pois enquanto os outros professores são conhecidos pelos leitores brasileiros pelo seu último nome, Prof. Snape, Profa. Hooch, Prof. Dumbledore, como é de costume no ambiente escolar britânico, este tratamento “especial” para a personagem da Prof^a Minerva faz a mesma parecer deslocada. É provável que esta adaptação tenha sido feita por conta da estranheza do nome em inglês: *McGonagall*, o que poderia gerar confusão entre os jovens leitores. Esta é mais uma das marcas da tradução de Lia Wyler.

CONCLUSÃO

Como resultado, observou-se que as marcas da tradução de Lia Wyler estão contidas em cada umas das palavras e dos termos que a tradutora utilizou para trazer o mundo mágico de Harry Potter para a língua portuguesa. Nakagome e Franciso (2015) escrevem em seu artigo *A massa na literatura* sobre a recepção crítica de Harry Potter, salientando que cabe aos leitores crítico-reflexivos reparar “no que se esconde por de trás dos rótulos, personagens infantis e leitores supostamente incapazes” (NAKAGOME e FRANCISCO 2015, p.438). Espera-se que o presente artigo possa ter demonstrado que há intensa pesquisa e trabalho por de trás da criação de nomes estranhos em livros de fantasia infanto-juvenil e que a tradução destes textos envolve trabalho igualmente árduo.

Pôde ser observado que a versão da obra de Rowling traduzida por Lia Wyler conseguiu

obter efeitos similares aos da versão em inglês, sendo o principal deles a introdução de jovens leitores ao mundo da literatura. Independente do que foi modificado para se adaptar à língua portuguesa ou para facilitar a leitura da criança e do adolescente, o texto mantém suas características simbólicas, míticas, humorísticas e fantasiosas, que despertam a imaginação, desenvolvem habilidades criativas e o gosto pela leitura.

Este artigo apresentou a análise de apenas um dos capítulos de um dos sete livros da saga Harry Potter, a expansão das pesquisas tanto da literatura infanto-juvenil quanto da tradução deste gênero da literatura é bem vinda, visto que a quantidade de obras deste tipo publicadas não está a altura do elevado volume de material para estudo.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. **Dicionário Online: Dicionários Michaelis**. [2010]. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 05 de nov. de 2015.
- HARDY, Thomas. **The Return of the Native**. London: Belgravia, 1878.
- LONGMAN **Dictionary of Contemporary English**, versão 5.0: Pearson Education Limited, 2009. Software. 1 DVD-ROM.
- MCLEAN, Adam, **The Book of the Composition of Alchemy**. Glasgow, 2002.
- PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Átila, 1990.
- NAGAKOME, P. T.; FRANCISCO, B.S. A massa na literatura: a recepção crítica de Harry Potter. **Estação Literária**, Londrina, vol. 13, p. 425-439, jan. 2015.
- PIUCCO. **Línguas, Poetas e Bacharéis** — Uma crônica da tradução no Brasil Belas Infiéis, v. 1, n. 1, p. 247-252, 2012.
- RAGAI, Jehane. **The Philosopher's Stone: Alchemy and Chemistry**. Cairo: Department of English and Comparative Literature, American University in Cairo, 1992.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter and the Sorcerer's Stone**. New York, Scholastic, 1997.
- _____. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Trad. WYLER, Lia. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.



SILVA, Gisela C.R. O best-seller na revalorização de sentidos: Harry Potter e o tema da criança imaginal. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 86, p. 31-44, jan.-abr. 2012.

SOUZA, José Pinheiro. Teorias da Tradução: Uma visão integrada. **Rev. de Letras** - N 0 . 20 - Vol. 1-2 - jan-dez. 1998.

VERDOLINI, T. H. A. ; **Tradução de Literatura Infantojuvenil Contemporânea no Brasil**. In: III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil e II Fórum Latino-Americano de Pesquisadores e Leitura, 2012, Porto Alegre. III Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil e II Fórum Latino-Americano de Pesquisadores e Leitura, 2012.

WATSON, Julie; KELLNER, Tomas. **J.K. Rowling And The Billion-Dollar Empire**. 2004

Disponível em <

http://www.forbes.com/maserati/billionaires2004/cx_jw_0226rowlingbill04.html>. Acesso em 10 de nov. 2015.